

Pais e filhos devem aprender com recuperação

Bom desempenho é resultado da estrutura familiar adequada; especialistas dizem que não adianta cobrar o aluno que fica de recuperação se ele não tiver atenção durante o ano letivo

RONALDO ALBANESE

Nem atestado de burrice, muito menos um problema individual. Para a maioria dos psicoterapeutas e educadores fica cada vez mais claro que o desempenho dos alunos nas escolas depende mais do que se imagina da estrutura familiar que o cerca. "Os pais que castigam seus filhos no final do ano só porque ficaram em recuperação na verdade precisam de recuperação", afirma o psicoterapeuta especializado em adolescentes, Igami Tiba. "É evidente que não se pode generalizar", diz ele.

"Mas a minha experiência mostra que esse comportamento tem sido muito frequente."

Tiba se refere aos pais que "por eternas alegações de falta de tempo" esquecem de dar atenção para seus filhos, inclusive nos assuntos da escola. "Acompanhar as dificuldades e aflições do jovem nessa altura da vida é imprescindível", afirma a psicoterapeuta e educadora Maria de Lourdes Campos Andrade. Segundo ela, a sensação de abandono num momento de transição física e psíquica pode trazer problemas em vários níveis. Maria de Lourdes afirma que 90% dos casos em que o aluno não consegue ter concentração para os estudos são causados por alguma coisa que não está funcionando bem em casa.

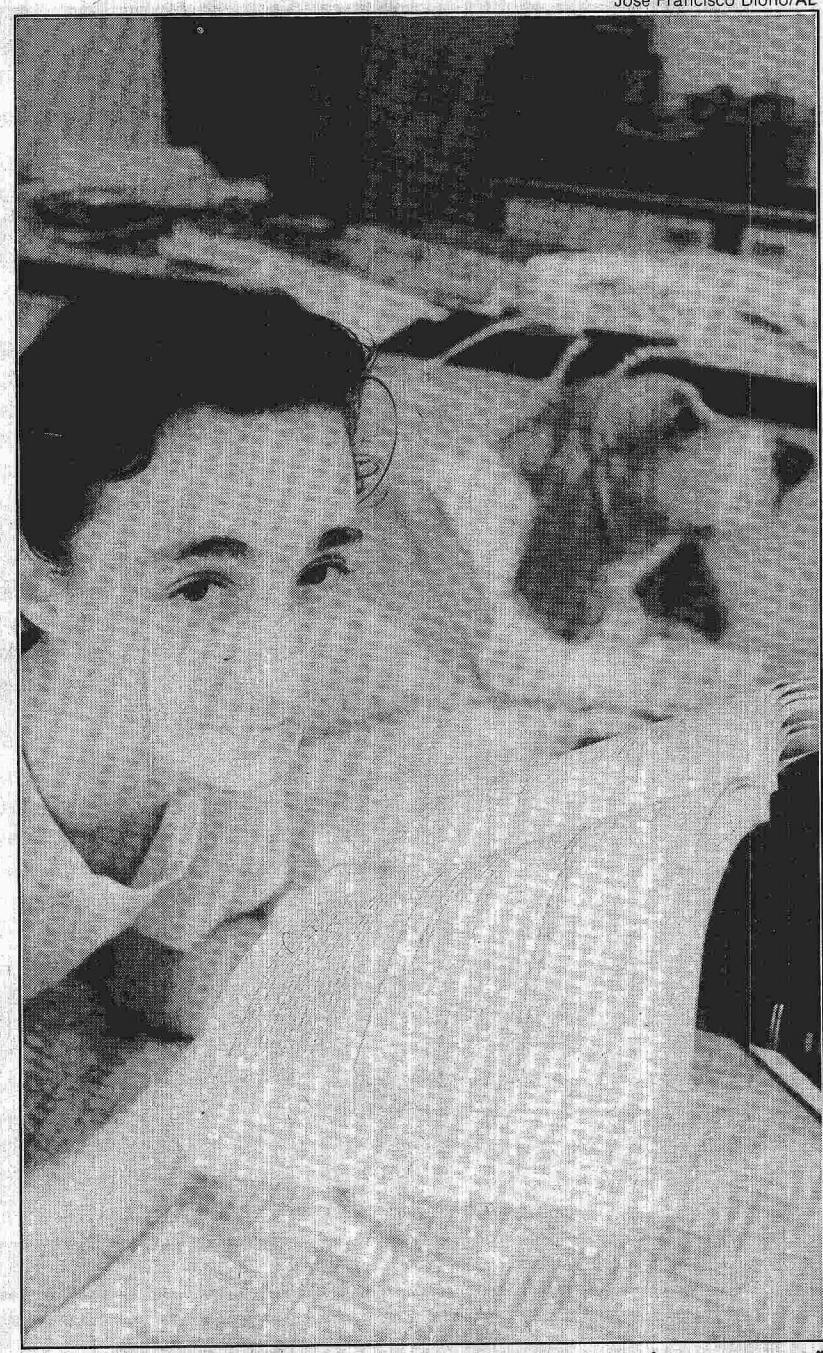
SENSAÇÃO DE ABANDONO PODE TRAZER PROBLEMAS

Tiba acha absurdo o tipo de cobrança que se faz na hora que estoura a questão. "Joga-se toda a responsabilidade em cima do jovem, criando um clima de tensão fora do comum", observa. "O mínimo que se diz é que o filho é incompetente, que não tem futuro." Para ele, o fato de ficar em recuperação, ou mesmo de repetir o ano, é o resultado de um processo que se desenvolveu durante todo o período letivo. "Será que não deu para perceber antes que havia alguma dificuldade a ser sanada de outra forma?", pergunta.

Segundo Tiba, o que acontece em geral é o pai acordar no final do ano, perceber que a situação é catastrófica e obrigar o filho a uma atitude de bom senso que ele não tem ainda capacidade para suportar. O adolescente ou a criança, por sua vez, podem utilizar esse ideal

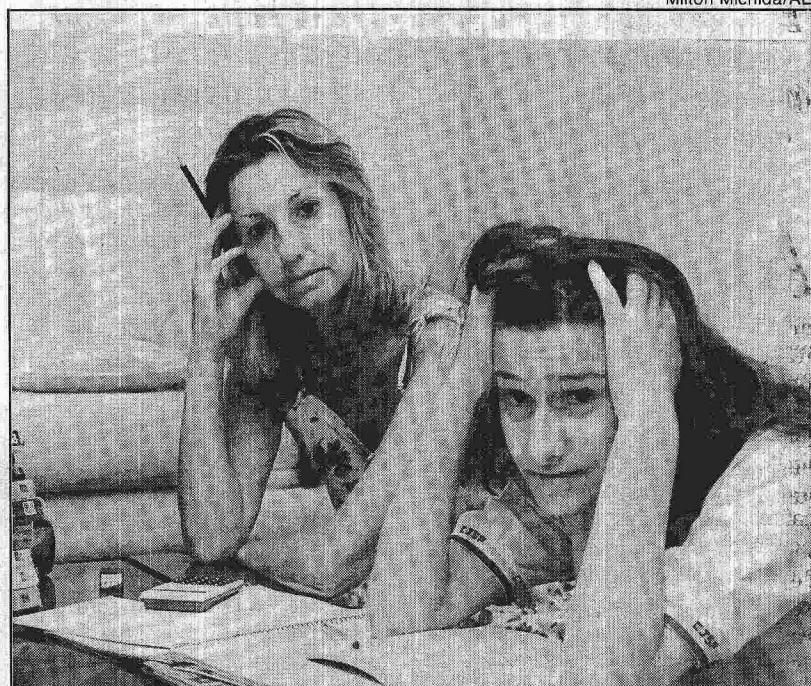
que o pai imagina para ele como uma arma contrária. Se trancam no quarto e, em vez de estudar, colocam um walkman e ouvem música.

Tanto Maria de Lourdes quanto Tiba são mais favoráveis ao comportamento dos pais que exigem. "O bom aluno, ou pelo menos razoável, tem sempre atrás de si pais que o acompanham de perto", afirma. "O que não quer dizer que se deva ter uma atitude paternalista", acrescenta Maria de Lourdes. "Fazer a lição no lugar do filho é o pior veneno", garante Tiba.



Joannis: "Não fiz nada o ano inteiro; só namorei e saí com a turma"

José Francisco Diório/AE



Ilda (E) e a filha Cintia: "Ela sempre dá um jeito de passar..."

Milton Michida/AE